

PRECARIZAÇÃO, TRABALHO DOCENTE INTENSIFICADO E SAÚDE DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS¹

Preariousness, intensified teachers' work and health of teachers

REIS, Briana Manzan²

CECÍLIO, Sálua³

RESUMO

Este artigo trata da realidade de salas de aulas e a intensificação de atividades docentes diárias de uma universidade particular. O objetivo é discutir as condições do trabalho docente universitário no capitalismo flexível, abordando principalmente a sua precarização e os efeitos para a saúde de professores. O estudo é de abordagem qualitativa, e sua metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e de campo baseada em entrevistas semiestruturadas sobre as temáticas da profissão, saúde, trabalho e tecnologia. O estudo apontou que o trabalho docente tem representado sobrecarga ao professor e é pouco reconhecido socialmente. Muitos desenvolvem doenças ao longo de suas carreiras e há casos até de necessidade de acompanhamento psicológico. Por outro lado, há também docentes que se sentem realizados e felizes com sua profissão. O trabalho docente hoje deixa muito a desejar, pois tem baixa remuneração salarial, longa jornada de trabalho, excesso de atividades a serem realizadas fora do horário de expediente. De modo geral, há uma mistura do trabalho à vida pessoal, as condições de trabalho são insatisfatórias e os professores mostram-se cada vez menos motivados a exercer sua profissão.

Palavras-chave: Trabalho docente; Doenças; Intensificação do trabalho.

ABSTRACT

This article shows the reality of classrooms and the intensification of teaching activities daily in a private university. The objective of this research is discussing the conditions of university teaching work with the flexible capitalism, mainly addressing their insecurity and health effects with the teachers. This is an exploratory, descriptive study, with a qualitative approach, and methodology included literature and field research based on semi-structured interviews on the thematic of the occupation, health, work and technology. The research found that teachers' work overload has represented the teacher and is somewhat socially recognized. Many diseases develop over their careers and there are even cases of need for psychological counseling. On the other hand, there are also teachers who feel fulfilled and happy with their profession. Teaching work today leaves much to be desired, as it has low salaries, long working hours, excessive activities to be conducted outside of office hours. In general, there is a mixture of work to personal life, working conditions are unsatisfactory and teachers are less motivated to exercise their profession.

Keywords: Teaching work; Diseases; Intensification of work.

¹ Pesquisa produzida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

² Aluna bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG) e integrante do Projeto de Pesquisa "A Subjetividade nos Interstícios da Tecnologia: trabalho e saúde mental em tempos digitais", com financiamento da FAPEMIG e da UNIUBE, e aprovado pelo CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UNIUBE, com o CAAE - 0002-0.227.000-11 e ao qual se vincula a pesquisa que embasa este artigo. E-mail: <brianamanzan@yahoo.com.br>.

³ Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado) da Universidade de Uberaba (UNIUBE) e integrante do corpo docente do curso de psicologia. E-mail: <salua.cecilio@uniube.br>.

INTRODUÇÃO

A dignidade e a valorização profissional relacionam-se com as condições objetivas e subjetivas de exercício do trabalho. Seja na literatura, seja no campo empírico, não é difícil constatar os problemas que afetam o mundo do trabalho e a vida das pessoas.

Desde a formação e o modo de ingresso do professor em uma universidade para atuar como docente, até o desenvolvimento profissional e pessoal, são muitos os anos de experiências e diversos os resultados e as circunstâncias. Compreender o trabalho docente supõe analisá-lo no contexto do capitalismo flexível, em suas relações com o desenvolvimento das tecnologias digitais e da mundialização do capital, tendo em vista explicitar sua natureza, conteúdos, ritmos, processos e implicações para a subjetividade. Assim, interessam aqui tanto os aspectos relacionados aos locais de trabalho, ao convívio com outros profissionais e alunos, quanto os que se referem à dimensão social da vida, à família, aos amigos e ao lazer. Afinal, a vida social e as sociabilidades que dela emergem têm sofrido alterações significativas em função da compressão espaço-tempo e das mudanças no processo de organização do trabalho relacionadas às reestruturações produtivas no mundo do trabalho e à introdução de tecnologias de base microeletrônica, com tendências crescentes à precarização do trabalho. Esta corresponde, segundo Fernandes e Helal (2010, p.21), “ao surgimento de novas formas de trabalho a partir de um processo de mudanças estruturais no capitalismo, que procura garantir competitividade às empresas por meio da flexibilização do trabalho”. Ou seja, o trabalhador passa à condição de vulnerabilidade pela redução da segurança garantida pelos empregos estáveis. Conforme Ávila (2011) explica, principalmente nas últimas três décadas e como tantos outros trabalhadores, o professor universitário teve seu trabalho flexibilizado, precarizado, com aumento de jornada e, por consequência, redução da vida social, cada vez mais misturada à vida profissional.

Se comumente a noção de trabalho precário se reporta ao trabalho socialmente empobrecido, desqualificado, informal, temporário e inseguro, a noção de precarização aqui adotada remete a um processo social de institucionalização da instabilidade (ROSENFELD, 2011, p.264).

Os que trabalham se veem expostos a jornadas que excedem seus contratos. As atividades a cumprir nem sempre são concluídas na escola e o docente passa a levar mais trabalhos para casa e isso o priva de convívio com outras pessoas, pela falta de tempo disponível. Sobre a precarização do trabalho, Hirata (2011) atribui-lhe dois fenômenos: o da intensificação do trabalho e o trabalho precário induzido pela subcontratação e pelas formas ditas “atípicas” (tempo parcial, trabalho temporário, etc.) em expansão nos últimos anos; e com implicações para a saúde mental e física dos trabalhadores. Embora ainda pouco utilizado para qualificar uma condição do trabalho docente, mas já incorporado em estudos da área de educação, o termo “precarização do trabalho docente” refere-se, segundo Marin (2010), “a mudanças marcadas por características com conotações negativas no conjunto do exercício da função docente”. Ser professor

é uma profissão como tantas outras, embora com particularidades e diferenças que se revelam nas significações sociais, culturais e pessoais a ela atribuídas. Uma profissão caracteriza-se como “uma combinação estrutural de três características típicas: conhecimento credenciado mediante títulos, autonomia no desempenho e prestígio e o relacionamento social” (FANFANI, 1995, p.20 apud PINI, 2010).

Em decorrência de fatores de ordem econômica, gerencial e social que configuram o tempo presente e atingem a escola, verifica-se uma forte tendência à intensificação do trabalho docente. Segundo Dal Rosso (2008), quanto maior é a intensidade, mais trabalho é produzido no mesmo período de tempo considerado, podendo daí resultar ou não maiores índices de produtividade. É importante distinguir intensificação do trabalho de produtividade. A intensificação é todo processo que resulta em um maior dispêndio de capacidades físicas, cognitivas e emocionais do trabalhador, objetivando um aumento de resultados quantitativos e qualitativos que favorecem ou permitem um aumento da mais-valia e da “exploração do trabalho”. Outro aspecto a considerar é a intensidade de cada trabalho. Esta se refere à ideia de mais trabalho e inclui, em grande parte, a natureza da relação que o próprio trabalhador tem com o seu trabalho e o modo como nele investe suas energias, seus projetos e seu tempo. Nesse sentido, o comprometimento, a adesão e o grau de dedicação têm a ver com a autonomia do sujeito, pois é determinada pelo próprio trabalhador (trabalho autônomo e familiar) e pelo empregador (trabalho escravo, servil, assalariado). O trabalho intensificado pode ocasionar cansaço físico e mental, alterações emocionais, uma sobrecarga para o trabalhador, cada vez mais exigido na função que desempenha. Tudo isso para atender às exigências do capitalismo e ter no trabalho a possibilidade de superar cada vez mais os próprios limites e nele permanecer. No entanto, será que todo esse esforço é válido? A quem ele beneficia? Promove necessariamente quem o realiza?

A resposta a essas questões é aqui buscada, visando à discussão dos fatores objetivos do trabalho em sua relação com a subjetividade e o que representam nela o trabalho e a autonomia. A autonomia profissional pode funcionar como estratégia de luta contra a proletarização docente. A tese de Contreras (2002, p.33) é que a proletarização de professores relaciona-se à ideia de “que o trabalho docente sofreu uma subtração progressiva de uma série de qualidades que conduziram os professores à perda de controle e sentido sobre o próprio trabalho, ou seja, a perda de autonomia”.

Nem sempre a autonomia é percebida coletiva e individualmente. Há casos em que ela se restringe à dimensão pessoal. É o que se dá com alguns profissionais que, embora acreditem ter autonomia em seu trabalho, não têm claros os seus contornos, conteúdos e implicações. É preciso saber o que de fato isso significa. Será que tal poder ainda existe para os trabalhadores? Ou há apenas uma pseudoautonomia, um falso poder de decisão e/ou sua camuflagem sob a forma de regras a cumprir ou a fazer cumprir em conformidade com um modelo de racionalidade técnica dominando o mundo do trabalho? Essa autonomia, muitas vezes, é enganosa, como se pode deduzir do exposto por Grundy e reafirmado por Contreras, ao chamar a atenção para a autonomia ilusória porquanto reduzida a regras e comandos distantes das decisões próprias, em que

[...] o ensino entendido como aplicação técnica, como prática dirigida à obtenção de resultados ou produtos previamente definidos, não é uma prática criativa e sim apenas reprodutiva, dirigida a reproduzir nos alunos os objetivos que guiam o seu trabalho. [...] a deliberação e o juízo ficam reduzidos a uma série de regras que os docentes devem seguir (GRUNDY, 1987, 1989 apud CONTRERAS, 2002, p.101).

A perda da autonomia pode representar o outro lado da desvalorização docente, porquanto retira do professor capacidade de decisão sobre suas ações e o submete ao poder e às decisões de outros. À medida que o professor tem reduzida a sua autonomia, ele tende a ficar exposto à falta de reconhecimento do valor de sua profissão e de seu trabalho. Há todo um planejamento; um cronograma; um calendário a ser cumprido, a partir dos quais o docente deve validar seu trabalho. Em cima desses aparatos, conduzir o ensino não de uma maneira global, ampliada, mas bem específica e meramente instrumental. Ademais, há que se adequar a uma conjuntura marcada pela flexibilidade. Isso, como é defendido por Sennett (2009, p.53-63),

[...] significa que o comportamento humano flexível deve ter a mesma força tênsil: ser adaptável a circunstâncias variáveis, mas não quebrado por elas. Há três formas de flexibilidade a que o sistema de poder está sujeito. Reinvenção descontínua de instituições: trata o comportamento flexível exigindo o desejo de mudança, mas na verdade trata-se de um determinado tipo de mudança, com determinadas consequências para nosso senso de tempo. Especialização flexível: tenta pôr, cada vez mais rapidamente, produtos mais variados no mercado. Há uma cooperação e competição ao mesmo tempo, buscando nichos no mercado que cada uma ocupa temporariamente, e não permanentemente. Concentração sem centralização: as mudanças nas redes, mercados e produção que ele utiliza permitem o que parece ser um oxímoro, a concentração de poder sem centralização de poder.

Dado o contexto da flexibilização, outro conceito importante é o da precarização do trabalho de professores que, conforme Mancebo (2007, p.470), refere-se [...] à baixa remuneração; à desqualificação e à fragmentação do trabalho do professor; à perda real e simbólica de espaços de reconhecimento social, e também compreende o sofrimento docente diante do capitalismo flexível, um “trabalho penoso”.

Mediante a pesquisa com professores universitários de uma instituição particular de ensino, buscaram-se entender as relações entre capitalismo, organização e dinâmica do trabalho docente flexível; identificar aspectos e fatores que integram suas condições de trabalho, como: tempo de trabalho fora e dentro do espaço escolar, salário, número de alunos, natureza das tarefas e exigências delas decorrentes; distinguir no conjunto das atividades do docente o quanto da carga horária de professores se destina à formação profissional e à pesquisa, e analisar como se estabelecem as formas e as manifestações do trabalho precarizado, inclusive com suas articulações com o uso das tecnologias digitais no espaço acadêmico.

Compreender o trabalho docente é, antes de tudo, apreender sua natureza, conteúdos e formas de exercício no contexto de sala de aula em transformação permanente, relacionada ao avanço e à disseminação de tecnologias digitais fora e dentro da escola. Em relação a elas e sua entrada na sala de aula, não há o que negar. Elas chegaram para ficar. Mas despertam nos professores reações diversas.

Há quem as considere suas aliadas, enquanto outros têm nelas suas concorrentes.

Diante de tantas mudanças no contexto educacional, são várias as indagações: Os professores sabem como lidar com as novidades tecnológicas (notebooks, tablets celulares, data-show, softwares, internet) cada vez mais presentes hoje em sala de aula? Que dificuldades eles têm para manusear esses equipamentos? Que implicações ou repercussões daí decorrem para o trabalho e a saúde de docentes? Quais comprometimentos eles passam a apresentar? Eles podem ficar doentes? Quais doenças mais comuns que eles passam a desenvolver ao longo de sua carreira profissional?

Trata-se, pois, de explicar o trabalho que, em função do uso de tecnologias digitais, tende à intensificação. Segundo Mancebo (2007), “a intensificação liga-se a uma aceleração na produção num mesmo intervalo de tempo”. “Quando trabalhamos em condições gratificantes, gostamos do produto realizado. Mas, quando trabalhamos subjugados, imprimimos raiva ao produto” (CODO; SAMPAIO; HITOMI, 1993, p.196). Isso não só afeta a produção, mas quem produz.

Esta pesquisa foi realizada para que o trabalho docente não só seja mais conhecido e compreendido, mas que seja reconhecido e tenha seu devido valor na sociedade, entre os pares no local de trabalho, entre os profissionais da área e entre todos os demais.

METODOLOGIA

A investigação tem origem em um plano de iniciação científica ligado ao projeto de pesquisa intitulado “A Subjetividade nos Interstícios da Tecnologia: trabalho e saúde mental em tempos digitais”. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica de artigos buscados em bancos de dados como: SCieLO, Google Acadêmico, anais disponíveis no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e pesquisas em livros, para fundamentação teórica, como os de Bendassoli e Sobol (2010), Mancebo e Fávero (2004), Zabalza (2004), Contreras Domingo (2002), dentre outros. A seleção de artigos, livros e anais se deu a partir dos seguintes descritores: “trabalho docente e saúde”, “trabalho docente e capitalismo”, “trabalho e educação” e “professor universitário”. Ao final, foram encontrados 13 capítulos de livros com busca por palavras-chave no título do livro e, por conseguinte, no sumário onde as mesmas se localizavam; 5 trabalhos apresentados na ANPED e 25 artigos nos sites pesquisados. Dos encontrados, foram selecionados para estudo 11 livros, 14 artigos e um trabalho dentre os apresentados nos últimos quatro anos (de 2008 a 2012) e expostos nos anais da ANPED. Os critérios de exclusão foram: a data de publicação fora do período de 2007 a 2012 e a não abordagem do tema nos textos, apesar de apresentarem os termos descritores.

Outra etapa, paralela à pesquisa bibliográfica, foi a da pesquisa de campo ligada ao projeto de pesquisa A Subjetividade nos Interstícios da Tecnologia: trabalho e saúde mental em tempos digitais, em que professora e aluna bolsista de Iniciação Científica (IC) contataram docentes universitários de uma universidade particular situada na região do Triângulo Mineiro, MG. A seleção dos participantes obedeceu aos critérios de relevância dos cursos na instituição e à disponibilidade dos sujeitos.

Incluiu os seguintes procedimentos. Primeiramente, os sujeitos foram identificados pelo site da Instituição. Nele se buscaram informações sobre os cursos selecionados e seus respectivos corpos docentes. Assim, foi localizado, pela página, o corpo docente dos cursos de Administração, Direito, Engenharias, Pedagogia nas modalidades presencial e/ ou a Distância (EAD). Esses cursos foram escolhidos pelo fato de, à época, representarem áreas em expansão na instituição, em função de apresentarem maior demanda de alunos e, conseqüentemente, mais professores.

Em um segundo momento, fez-se um contato com a secretaria de cada curso, para obter informações sobre os dias e horários em que os docentes se encontrariam na Instituição, tendo em vista um contato direto com cada um e possível agendamento da entrevista. Esse critério de disponibilidade de horários foi considerado, tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador. Por consequência desse fator, depois de aceito o convite para a entrevista, houve uma segunda seleção definida pela disponibilidade e pelo tempo para participar. No caso, os únicos critérios de exclusão foram não ter tempo disponível, não comparecer ao local de entrevista combinado e/ou não responder às tentativas de um novo agendamento da entrevista. Assim, apenas um sujeito não pôde participar, apesar da insistência para que fosse entrevistado. Foi substituído.

Ao final do processo de busca e escolha segundo os critérios estabelecidos previamente, foram entrevistados nove professores dos cursos supracitados, num total previsto de oito a dez participantes. Uma vez contatados e abordados os professores em seu local de trabalho, foram realizadas as entrevistas dentro da própria universidade, em horários previamente combinados com os docentes. Foi escolhida a entrevista episódica (BAUER; GASKELL, 2007). Ela se utiliza de narrativas de pessoas para coletar informações através dos episódios concretos de quem está sendo entrevistado. Primeiramente é colocada uma situação inicial e, conforme a pessoa vai relatando sobre o assunto, vão se coletando, no conjunto de experiências, as informações que são importantes para a pesquisa. Ao final juntam-se todos os pontos relevantes para proceder à análise dos dados.

Embora a entrevista escolhida tenha sido a episódica, não foi possível realizá-la de modo pleno. Foi necessário um roteiro, pois, na maioria dos casos, verificava-se uma fuga ao tema, além de um tempo insuficiente para se conseguir chegar ao que realmente era importante para a pesquisa. Nesse sentido e para que fosse possível alcançar os objetivos propostos, foi necessário fazer adaptações na forma de realizar a entrevista. Para tal, primeiro houve uma checagem dos materiais – gravadores, roteiro da entrevista e caneta – a serem utilizados. Após tudo pronto e conforme o agendado, realizou-se o total de entrevistas previstas. Elas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

Em todas as entrevistas e conforme informado ao participante, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) explicando as finalidades da pesquisa, seus benefícios e sua importância para os meios científico, acadêmico e profissional. Todos os entrevistados leram o TCLE, e os que estivessem de acordo com o que estava escrito o assinavam e então se dava início à entrevista. Todos os docentes que leram o TCLE aceitaram participar. Algumas entrevistas foram

mais breves, devido ao pouco tempo disponível pelos docentes. Em média, as entrevistas duraram de 23 a 63 minutos. Fatores como compromissos, telefonemas e interrupções por alunos que precisavam falar com esses professores levaram ao curto tempo de algumas entrevistas. Isso mostra como hoje a vida profissional de um professor é muito atarefada, cheia de atribuições e que às vezes o tempo é curto para desenvolver suas atividades. Ele quase sempre está sujeito à hipersolicitação.

Apenas uma professora não compareceu na data e no horário marcado para realizar a entrevista e então foi substituída por outro profissional. No mais, e de modo geral, todos foram muito receptivos, mostrando estarem disponíveis para contribuir com a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A compreensão do trabalho na sociedade capitalista supõe abordar os seus sistemas de produção, desde os primeiros modelos até os mais recentes. Isso para poder analisar sua organização, seu desenvolvimento, seus problemas e seus resultados. Nos estudos bibliográficos realizados, apareceram modelos de organização da produção no trabalho que merecem destaques. Taylorismo, termo criado por Frederic W. Taylor, engenheiro norte-americano, a partir do final do século XIX. Esse termo define-se “como o conjunto de técnicas e princípios referentes à organização do processo de trabalho, às relações sociais de produção e a um sistema de remuneração que associa rendimento à produção” (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.281), associada à eliminação de movimentos desnecessários.

Esse modelo, segundo Cattani e Holzmann (2006), caracterizava-se pelo “estudo do tempo e dos movimentos” realizados pelos trabalhadores a fim de que deles fosse retirado o tempo do ócio para observar qual o tempo real de trabalho; “cada trabalhador era ‘ensinado’” sobre sua função e recebia instrumentos mais adequados ao bom desempenho delas. O “trabalho era individualizado”; as tarefas se davam de forma padronizada, cada indivíduo realizava a mesma tarefa sempre; “o pagamento era de forma individualizada”, a remuneração referia-se ao rendimento de cada trabalhador, “estimulando então o individualismo e a ambição entre os trabalhadores”. “Tempos de descanso eram obrigatórios para evitar a fadiga e aumentar ou manter a produtividade.” Os supervisores passavam um feedback da produção e da qualidade do trabalho que os operários estavam produzindo, tendo em vista controle para manter ou aumentar a produção de cada trabalhador.

O taylorismo constitui-se então, sobretudo, como estratégia patronal de gestão/ organização do processo de trabalho, com ênfase no controle e na disciplina fabris, respondendo à resistência e à intensificação da produção com vista à eliminação da autonomia dos produtores diretos e do tempo ocioso, como forma de assegurar aumentos da produtividade (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.282).

Os trabalhadores eram obrigados a trabalhar em um período muito longo durante o dia, podendo chegar a 12 horas diárias. Outro modelo de organização de produção do trabalho foi o fordismo, criado por Henry Ford. Diferente do taylorismo, tal

[...] modelo baseia-se na produção e no consumo em massa, trabalho fragmentado e simplificado com ciclos operatórios muito curtos, pouco tempo para formação e treinamento dos trabalhadores. Nesse processo de produção, há uma linha de montagem acoplada à esteira rolante, que evita o deslocamento dos trabalhadores e mantém um fluxo contínuo e progressivo das peças e partes, permitindo a redução dos tempos mortos no trabalho (GUIMARÃES apud CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.134).

Na busca de uma economia de tempos e movimentos, evitam-se os tempos mortos referentes ao tempo vazio no trabalho, sem produção, como se fosse um tempo de ócio e sem trabalho. Logo o trabalho torna-se repetitivo, parcelado e monótono, não requerendo qualificações para o trabalhador, pois ele perde-as para a máquina. Nos ambientes de trabalho, esse modelo caracterizava-se pelos movimentos rígidos e pela previsibilidade. Era utilizado em grandes empresas produtoras de bens duráveis, visava à redução dos custos de produção e, conseqüentemente, abaixar o valor dos produtos, obtendo assim maiores lucros e podendo vender para um número maior de consumidores. Esse modelo foi denominado de fordismo e visava à produção em massa. Com o passar do tempo, houve um processo de reestruturação produtiva, outras modalidades de trabalho e de sua organização foram surgindo, agora visando à flexibilização e à agilidade das experiências diversas. É o tempo do capitalismo flexível e da reestruturação modular que tem dominado a cena no mundo do trabalho. Nele, os trabalhadores precisam ser polivalentes; sua carreira nem sempre é para a vida toda e nela as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm um papel central no processo produtivo, com implicações para o trabalho e subjetividade dos indivíduos.

Apesar da histórica luta dos movimentos sociais pela redução da jornada de trabalho, ainda há categorias profissionais expostas à extensificação do trabalho. Este termo é adotado aqui, conforme utilizado por Silva Júnior e Sguissardi (2009). Pode ser compreendido como prolongamento da jornada de trabalho para além dos espaços escolares, e em muitas vezes associada à intensificação do ritmo da quantidade de atividades. Em relação ao trabalho docente, é possível perceber, através das entrevistas realizadas, que a intensificação do trabalho não apresentou muitas mudanças significativas ao longo do tempo. Muitos professores, para obter uma condição salarial melhor, trabalham em até três turnos do dia: manhã, tarde e noite. Não é difícil encontrar um professor universitário de rede privada que divide sua carga horária em várias instituições e departamentos, com atividades diversas. O mesmo professor que trabalha na rede pública de ensino no período da manhã exerce atividade administrativa à tarde e está dentro de sala de aula à noite. As jornadas longas de trabalho, mais do que o complemento salarial que propiciam, contribuem para a redução e/ou eliminação da autonomia dos profissionais e do seu tempo livre, e percebido como ocioso. O professor é obrigado a assumir essa carga de trabalho para poder manter-se em um padrão de vida confortável; para sobreviver; para ser reconhecido na sociedade e ser valorizado; para dar continuidade à sua formação acadêmica, dentre outras razões.

Segundo Ávila (2011), a produção agora se baseia na exploração do trabalho tanto físico quanto intelectual, encontrando uma intensificação dos processos de

trabalho, seja pelo aumento das horas trabalhadas, pela exigência de produção de muitas atividades, seja pela grande sobrecarga de funções estabelecidas. Todo esse processo concorre para a melhora e consolidação do capitalismo.

O capitalismo pode ser entendido como um sistema socioeconômico, em que as principais características são: venda de mercadorias; negociações feitas à base de dinheiro; a troca da mão de obra do seu trabalho por uma parcela de dinheiro chamada salário. “O capital subordinou o trabalho, real e formalmente” (DIAS, 1998, p.46). Ele é quem manda e rege os trabalhadores, tendo, a partir de seus modelos gerenciais, o poder de admitir e demitir, além de se consolidar pela expansão do trabalho alienado. Neste, “o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz; torna-se uma mercadoria mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens” (MARX, 2004, p.111). O trabalho realizado pelos homens passa a ser cada vez menos valorizado e em relação inversa à criação das coisas. Desse modo, a mercadoria tem maior valor do que o trabalho nela investido. Quanto mais o trabalhador se esgota no que faz, mais poderoso se torna o que ele produziu, ficando sua vida cada vez mais pobre e menos pertencente a si mesmo. O trabalhador torna-se alienado da sua própria produção. Conforme Marx (2004, p.133),

[...] quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais sem valor e desprezível se torna e quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador, quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza.

Ser professor, no contexto capitalista, significa uma exposição a condições de trabalho que o constituem objetiva e subjetivamente. Assim, pelo exercício da profissão, o indivíduo se faz pessoa, ao mesmo tempo em que sinalizam o que ocorre no mundo da docência. Saber quem são os docentes pesquisados, o que fazem e como se definem pelo que fazem, é apreender uma relação complexa e multifatorial. Isso porque, ao mesmo tempo em que trabalham, constituem e são constituídos pelo trabalho.

Assim, quanto ao perfil, os docentes entrevistados tinham idade entre 28 e 59 anos; sendo seis do gênero feminino e três do gênero masculino; cinco são casados, dois divorciados e dois solteiros; quatro têm filhos. O tempo de experiência profissional variou de 3 a 30 anos. Todos trabalham em uma universidade particular e alguns em mais de uma instituição de ensino. Houve quem trabalha também em cargos administrativos.

A percepção dos entrevistados sobre o trabalho docente varia de um polo marcado por conteúdos mais humanos, interativos e interpessoais para um polo de caráter mais técnico, científico e profissional. Há quem entenda que ser docente é “dedicar-se ao outro”, é “uma doação”, é “uma troca de conhecimentos”. Tal percepção da docência passa pela ideia de “compartilhar”, ser “uma vocação”, diferentemente daqueles para os quais ser docente é “contribuir no processo ensino- aprendizagem”, é “uma responsabilidade com a educação”, indicando assim uma visão mais técnica, científica e profissional do trabalho docente.

Em muitos casos, trabalhar não satisfaz as necessidades profissionais, apesar de ser necessário para satisfazer as necessidades outras. E isso, conforme indica Picado (2009) e Zabalza (2004), pode gerar sofrimento, doença e desgaste profissional. “Degaste significando consumo pelo tempo, pelo esforço, destruição, envelhecimento, redução da capacidade, do poder, abatimento, enfraquecimento” (HOUAISS, 2001, p.993). O desgaste pode ser um dentre outros fatores de mal-estar no trabalho, causando, por exemplo: sofrimento, estresse e Síndrome de Burnout. Segundo a pesquisa bibliográfica e reafirmado pelos professores entrevistados, alguns fatores que ocasionam o desgaste podem ser: o espaço físico, o ambiente em que os professores trabalham e as condições gerais de trabalho. O ambiente em que estão inseridos nem sempre é compatível com o que eles gostariam de ter, para exercer suas funções.

Diversas e de variadas naturezas, as queixas se referem às condições de trabalho; às relações com os alunos; à sala de aula e à mistura do tempo livre com o tempo de trabalho. Além disso, há também falta de recursos tecnológicos; alunos pouco interessados; jornada de trabalho muito longa. Isso muitas vezes se relaciona aos recursos tecnológicos que favorecem a ampliação de tarefas profissionais prolongando-se nos momentos de lazer; a dedicação aos alunos fora do horário de aula, em função de orientação em projetos de pesquisa e extensão. Também há a necessidade de estarem atualizados sobre as questões técnicas que emergem no cotidiano docente, como: preparação de aulas, atividades administrativas e participação em eventos. Nesse sentido, conciliar a vida social com todas essas demandas tende a, dentre outros fatores, gerar desgaste nos docentes.

Constata-se que, em alguns docentes entrevistados e a partir de estudos realizados, predominam a jornada de trabalho muito longa, a preparação das aulas fora do tempo de trabalho e alunos e profissionais pouco interessados. Reafirmando todos esses aspectos, um dos entrevistados diz:

Olha, eu cheguei a um ponto que eu não conseguia separar. Então eu saía daqui, levava serviço para a casa, era sábado, era domingo, e foi muito tempo nessa fase assim. Desses três anos para cá, tive essa fase de não saber separar nada. Então eu sempre gostei das coisas assim muito certas, eu queria que andasse tudo, que tudo caminhasse conforme tinha que caminhar, mas infelizmente nós esbarramos num sistema que não depende só de mim, dependo de outros setores. Então isso me ocasionou as maiores crises de depressão e atualmente, há dois meses, eu tive outra crise também, com esse acúmulo de coisas que eu tinha para fazer, e eu comecei a fazer terapia. Então hoje eu estou conseguindo um pouco mais distinguir, não estou tendo que fazer, não deu, vai ficar. Hoje eu já consigo fazer essa separação melhor. (Sujeito A).

Os fatores citados pelo Sujeito A se fazem presentes na vida da maioria dos professores universitários. Seja pela pesquisa, seja pela observação informal do que ocorre em sala de aula e no cotidiano dos docentes, pela convivência diária com eles, ouvem-se reclamações constantes. Além de estar em sala de aula, há os que são supervisores de estágios e alguns que ainda conciliam a profissão de docente com a formação acadêmica, conforme reconhece outro participante da pesquisa. “Eu estou fazendo Doutorado também. Então chega final de semana,

como eu estou fazendo 40 horas aqui, eu tenho só no final de semana para escrever minha tese [...].” (Sujeito B).

Atualmente, ser professor de uma instituição de ensino superior privada exige muito mais do que a simples lógica de “quem sabe fazer, sabe ensinar” (NASCIMENTO; VIEIRA; ARAÚJO, 2012, p.842). Esta era a condição principal para ser professor. Hoje o professor, mesmo com a graduação do ensino superior, precisa de especializações, curso de mestrado ou doutorado para ingressar na carreira docente de uma universidade e nela se manter. “O ‘desenvolvimento profissional’ tem uma conotação de evolução e continuidade que supera a tradicional justaposição entre formação inicial e formação continuada dos professores” (MARCELO, 2009, p.9). É um processo de longo prazo e não se restringe apenas a um modo repetitivo de informações, mas supõe uma construção contínua e ampliada de atividades que permitem tanto ao aluno quanto ao professor expandir suas ideias e reflexões.

Quanto ao desenvolvimento profissional, todos os professores entrevistados não pararam apenas na graduação. Há os que fizeram especializações, outros que estão cursando ou já terminaram o Mestrado e o Doutorado. Este é um trabalho constante e sempre sujeito à contínua formação e requalificação, embora nem sempre garantindo a valorização e o reconhecimento esperados. Mesmo com todos os títulos, estudos, compromissos com os alunos, responsabilidades e dedicação, não é difícil encontrar professores que gostariam de serem mais valorizados na sua profissão, seja por questões salariais, seja pelo próprio reconhecimento da sociedade. O docente não termina suas atividades diárias na sala de aula, ao concluir sua jornada de trabalho. Esta parece não ter fim. Quando acabam as horas de trabalho dentro da instituição, muitos ainda levam trabalhos excedentes para casa, pois as horas na universidade não são suficientes e essas horas a mais, trabalhadas em casa, muitas vezes não são remuneradas. É o trabalho invisível, imensurável, “intelectualizado” e “imaterial” (LAZARATTO; NEGRI, 2001, p.25), nem sempre quantificável, porém e sempre com efeitos para a subjetividade, por não serem reconhecidos, contabilizados, apesar de serem reais e afetarem a vida como um todo. A quantidade e a qualidade do trabalho são reorganizadas em torno de sua imaterialidade que inclui

As atividades de pesquisa, de concessão, de gestão de possibilidades humanas, como todas atividades terciárias, se redefinem e se colocam em jogo no interior das redes informáticas e telemáticas, e só estas últimas podem explicar o ciclo da produção e da organização de trabalho (LAZARATTO; NEGRI, 2001, p.26).

Hoje, século XXI, torna-se cada vez mais difícil e impossível distinguir “o tempo produtivo e o tempo de lazer”, uma vez que “o trabalho imaterial não se reproduz (e não reproduz a sociedade) na forma de exploração, mas na forma de reprodução da subjetividade” (LAZARATTO; NEGRI, 2001, p.30). De qualquer forma, pela natureza virtual e imaterial da produção se fortalece a intensificação e o prolongamento da jornada de trabalho, nem sempre com retornos salariais garantidos, apesar de existirem contratos de algumas universidades particulares em MG que incluem adicionais para cobertura de tarefas excedentes e extraclases. Porém, devido

à quantidade de atribuições a que o professor está sujeito, essa ajuda tem um valor simbólico, pois ele gasta horas para elaborar uma prova, um trabalho bem contextualizado e isso não é valorizado financeiramente como deveria ser.

A flexibilização de jornadas e de contrato de trabalho, como explica Casaca (2005, p.6),

[...] tanto pode oferecer riscos ao trabalho (precariedade de emprego, segregação no mercado de trabalho, remunerações baixas e irregulares, ocupações pouco qualificadas), como abrir janelas de oportunidade (possibilidade de uma participação laboral mais adequada às necessidades e aspirações individuais, melhoria das qualificações, acesso a empregos bem remunerados).

É a perda da padronização, daquilo que é rígido, estático ou o oposto dela sobre os empregos. Há tempos os contratos firmados pelas empresas eram por tempo indeterminado, tinha uma jornada de trabalho plena, muitos profissionais apresentavam uma longa permanência em um mesmo emprego. “Com a flexibilização, cresce o número de trabalhadores vinculados a outros modelos contratuais, com avanço das formas que Beynon (1999) chamou de “trabalhadores hifenizados”, quais sejam, aqueles com contratos por tempo determinado, ou contratos temporários, os trabalhadores em tempo parcial e os trabalhadores por conta própria (CATTANI; HOLZMANN, 2006, p.131).

A flexibilização da jornada (trabalhar em horários flexíveis) e dos contratos (com empregos temporários, sem as garantias trabalhistas de outrora e em condições instáveis) é uma realidade dos professores entrevistados e indica que há aqueles que, de fato, colocam a baixa remuneração pelas diversas atividades que realizam como um fator de risco para o trabalho. Nessa situação encontram-se mais da metade dos entrevistados.

Outro aspecto a ser devidamente esclarecido é quanto à intensificação da jornada de trabalho que vem sendo bastante problematizada. As mudanças nesse aspecto de ordem intensiva (aceleração na produção num mesmo intervalo de tempo) e extensiva (maior tempo dedicado ao trabalho) podem levar a um aumento do sofrimento psíquico, considerando o contexto do uso das tecnologias. É o que muitos professores, tanto na modalidade de ensino a distância (EAD) como na presencial, trazem à realidade, sob a forma de reclamações. Para eles, hoje, falta tempo para poder realizar todas as atividades, pois há prazos estabelecidos para o seu cumprimento exigindo deles um ritmo cada vez mais rápido e intenso. Quando algo não é cumprido, outros sistemas tornam-se defasados:

Você tem que estar muito organizado na questão dos conteúdos, né? É uma disciplina que você passa atividade ao tempo todo, você tem que corrigir, tem prazos, tem tudo. [...] Vamos supor, o aluno não entregou o trabalho no dia, você dá um prazo, tudo bem, traz na próxima aula. Agora, no curso a distância, não tem jeito porque fecha o sistema, aquela data é aquela data. (Sujeito C).

No referente às atividades que os docentes realizam hoje, como correção de tarefas, avaliações, elaboração de provas, relatórios, orientação, trabalho de extensão e pesquisa, alguns parecem não estar preparados no sentido de reunirem uma

formação que os habilite para a polivalência funcional. Esta se tem mostrado muito necessária, diante do desafio de trabalhos flexíveis e para uma atribuição tão diversificada e extensa. Não conseguem executar suas funções e passam a desenvolver doenças pela exaustiva jornada de trabalho que, muitas vezes, não se restringe ao ambiente de trabalho. Como Lüdke e Boing (2007) explicam, no caso do professor, é impossível separar sua vida pessoal totalmente de seu trabalho. Sobre isso, e até em consonância com a fala dos autores, pesquisas mostraram que 9,1% dos docentes trabalham em três ou mais estabelecimentos de ensino. Diferentemente do verificado na literatura e talvez por se tratar de professores do ensino superior, no estudo realizado, constatou-se não haver, dentre os pesquisados, professores que trabalhem em três ou mais estabelecimentos de ensino. No entanto, 20% deles afirmam trabalhar em duas instituições. Os outros 80% trabalham em apenas uma instituição de ensino. Isso não quer dizer que o tempo de trabalho seja menor, muito pelo contrário. Há professores que trabalham nos três períodos do dia. A maior parte dos docentes entrevistados tem contrato de 40 horas na instituição. Eles relataram que suas atividades distribuem-se em diferentes funções, administrativas, dedicação à pesquisa e sala de aula, embora não tenham sido especificadas quantas horas dispõem para cada tarefa, seja no ensino, na pesquisa, na extensão e/ou na gestão.

Observadas as condições objetivas e a subjetividade dos professores, pode-se considerar que a docência serve tanto para enriquecer, quanto para empobrecer a saúde e o bem-estar do ser humano. Para qualquer profissional, não especificadamente o professor, realizar bem seu trabalho, ele precisa estar em boas condições de saúde, incluindo fatores físicos e psicológicos. A experiência do trabalho como algo penoso ou que não leve o trabalhador a se sentir bem pode variar de um cansaço, um mal-estar até uma depressão e a instalação de doenças mentais.

As doenças mentais mais comuns, citadas por Lima e Lima-Filho (2009) e Picado (2009), referem-se à ansiedade, ao estresse, ao cansaço mental, à depressão, ao nervosismo, à angústia e ao desânimo. Na pesquisa com os docentes, não foi difícil encontrar relatos que sinalizam problemas de saúde de alguns professores pesquisados. É o caso do sujeito A, que relata:

Eu faço tratamento para depressão faz três anos, e o que ocasionou ela foi todas essas atribuições que começou a chegar muita pressão. Apesar de não ter o cargo de gestão, mas eu exerço todas essas funções de planejamento de curso, de atender aluno, coordenar professor. Então chegou um tempo, um momento que eu não aguentei a pressão toda e realmente eu caí num estado muito depressivo, tive também muitas crises de enxaqueca. Depois disso, então, eu tomo altas dosagens de remédio hoje. (Sujeito A).

Seja apresentando desconfortos breves ou contínuos, mal-estar pontual ou generalizado, sofrimento e sentimento de que algo não vai bem, até doenças referidas ou diagnosticadas, se as mesmas não forem observadas, acompanhadas e tratadas, podem levar à Síndrome de Burnout, conhecida também pelo Esgotamento Profissional (CID-10: Z 73.0). É uma síndrome causada pelo estresse laboral crônico, podendo ser definida como uma das consequências mais marcantes do estresse

profissional, conforme citado por Freire (2010), e cujos sintomas são: baixa realização profissional, exaustão emocional, avaliação negativa de si, depressão e insensibilidade com relação a quase tudo e todos.

Rowe, Bastos e Pinho (2011) falam sobre a satisfação na carreira, que pode relacionar-se à identificação dos professores com o que fazem, sentindo-se realizados com seu trabalho. Estes são chamados de "satisfeitos imóveis". Os critérios para enquadrar-se nesse grupo de profissionais são: "o mais alto nível de comprometimento com a carreira; alto nível de comprometimento organizacional afetivo; nível elevado de comprometimento organizacional instrumental; longo tempo na carreira/no cargo; maior experiência educacional e baixa intenção de deixar a carreira". Considerando esses fatores, pode-se dizer que estar motivado, dedicar-se ao que faz, ser apaixonado pelo seu trabalho e abrir caminho para trabalhar com saúde é, em outras palavras, ter um carinho e uma dedicação pela sua profissão.

Assim como existem docentes cansados com a profissão devido às hipersolicitações funcionais, aos problemas de saúde, ao mal-estar, à falta de autonomia e ao pouco reconhecimento profissional que já foram discutidos, há aqueles que se sentem satisfeitos com seu trabalho, embora estes sejam em um número bastante reduzido. Nas entrevistas, cerca de quatro professores salientaram essa questão, dizendo estarem, sim, satisfeitos e felizes com o que fazem, apesar de a carga horária muitas vezes ir além do que eles gostariam. Para isso contribuem o estágio profissional em que se encontram e o grau de estabilização financeira que possuem. Cabe destacar que a análise do trabalho docente relaciona-se também ao estudo dos fatores que extrapolam a sala de aula, mas sobre ela atuam.

Outra questão a destacar são as reformas educacionais que levaram os docentes a aprofundar-se em práticas individualistas e de cunho competitivo. Buscar seu espaço e atingir seus objetivos está cada dia mais difícil, principalmente em relação ao reconhecimento social pelo trabalho. Considerando que o trabalho, em função de alguns modelos de gestão e devido às formas de uso das tecnologias, que propiciam ênfase no trabalho individual, na competição, constata-se que o trabalho docente coletivo está cada vez mais difícil de ser realizado. Isso é coerente com o paradigma informacional essencial à sociedade em rede e enfatizado por Castells (2000), que reconhece a expansão do individualismo e a fragmentação social. É também o que Sennett (2009) compreende como a força dos laços frágeis, tidos hoje como um dos aspectos relacionados à corrosão do caráter. É como se fosse cada um por si, literalmente. Isso dificulta a própria vida do professor no espaço educacional, pois ele fica isolado em suas dificuldades, se vê impedido de encontrar parceiros e nem sempre consegue construir vínculos para ações coletivas que o ajudem a buscar melhorias para as condições de trabalho. "Devido a essa prática cada vez mais individualizada, os docentes passam a se autorresponsabilizarem pelas falhas de seu trabalho, trazendo sentimentos de culpa, que passam a gerar frustrações e desmotivação" (ÁVILA, 2011, p.3). Isso sinaliza uma sobreposição dos fatores individuais aos relacionados aos conjunturais. Em segundo plano, fica um contexto definido pelas políticas públicas. Estas regulam o trabalho e as tecnologias que lhe dão suporte e o viabilizam. Porém nem sempre são admitidas e entendidas, no seu

papel de demarcadoras da ação docente, em função das diretrizes que pontuam, das restrições que veiculam e das possibilidades que ensejam.

As tecnologias digitais e os dispositivos móveis – notebook, iphone, tablet, celular com acesso às redes sociais, internet wi-fi, data-show – vêm sendo discutidos na vida e no trabalho de modo geral. Na educação não é diferente. Seja salientando a sua importância, seja sob a forma de alerta para seus limites e subprodutos, não são poucos os que veem sua relevância e seu papel de aliados na realização de conteúdos pedagógicos e administrativos. “A maioria das tecnologias é utilizada para auxiliar no processo educativo. Elas estão presentes em todos os momentos do processo pedagógico” (KENSKI, 2007, p.44). A sua presença também está associada à melhora do desempenho do aluno, pois uma disciplina que se utiliza de recursos visuais, comunicativos e de sons torna-se mais interativa, podendo facilitar, assim, a compreensão do aluno e sua aprendizagem. Alguns professores encontraram nela um meio facilitador que faltava e praticidade em apresentar dados, esquemas e gráficos, por exemplo.

Em coerência com o sistema capitalista que incentiva o individualismo e o consumismo, a tendência é que se busque individualmente o acesso aos recursos da tecnologia, na forma de posse dos equipamentos. Facilita-se, desse modo, a isenção da participação de políticas públicas coletivas no papel de favorecer a disponibilização e a manutenção de infraestrutura material e tecnológica pelas instituições. Quanto à propriedade ou não dos recursos tecnológicos, dos nove docentes entrevistados, dois disseram que adquiriram seus próprios recursos tecnológicos (data-show), para facilitar as aulas e trazer novidades em vídeos ilustrativos referentes à matéria apresentada, visando motivar mais seus alunos e tornar a aula mais interessante. Porém, é importante ressaltar que esses mesmos docentes confessaram não ter se desprendido totalmente do uso de outros meios, como um texto impresso, o uso do quadro-negro ou leituras. Estratégias metodológicas híbridas têm a sua importância e merecem ser preservadas, desde que tenham significação pedagógica e promovam a realização do trabalho docente.

Mesmo com as inovações tecnológicas cada vez mais modernas e sofisticadas, oito dos nove professores disseram fazer uso dos recursos tecnológicos nas salas de aulas. No entanto, nenhum deles apresentou dificuldade em lidar/manusear esses equipamentos. Apenas uma professora disse não fazer uso dos recursos tecnológicos dentro de sala de aula, devido ao tempo insuficiente para dedicar à elaboração do material da aula.

Há também professores para quem as tecnologias atuais, dentro de sala de aula, são suas concorrentes e não gostam que os alunos as usem para outros fins, a não ser para o que está sendo proposto na aula, pois a atenção dos mesmos fica dividida. No decorrer das aulas, muitos alunos acessam as redes sociais, abrindo aplicativos de jogos e até mesmo assistindo a vídeos, em suas “máquinas” próprias, trazidas de casa. Seis professores disseram não tolerar o uso desses meios tecnológicos dentro de sala de aula para atividades que não seja as que estão sendo discutidas. Isso porque elas tiram a atenção do aluno que está à sua volta e até mesmo dos professores, seja por algum comentário ou pelos ruídos.

Uma experiência inovadora é o que desenvolvem alguns professores com esses alunos que estão ligados o tempo todo a esse mundo virtual, através das aulas que são planejadas. Há algumas que são com esses equipamentos (tablets, celulares, notebooks) ligados à internet. Eles fazem fóruns dentro da sala, usam as redes sociais para interagir com a matéria junto com outros alunos e assim conseguem prender a atenção dos alunos nos respectivos conteúdos, por mais tempo. Outros meios facilitadores para a compreensão dos alunos são utilizados com os materiais ilustrativos powerpoint e vídeos via data-show.

Mediante os resultados obtidos, é possível reconhecer o quanto a precarização das relações e condições de trabalho expõe os professores à sobrecarga e ao acúmulo de atividades. Estas passam a exigir maior dedicação, aumento do ritmo e, portanto, intensificação do trabalho. A maior queixa por parte deles é que gostam do que fazem. No entanto, almejam de ter mais tempo para si, pois dedicam tanto à profissão que acabam por deixar a vida pessoal muitas vezes de lado, sempre para depois. Com isso, podem ocorrer danos para a vida do professor e comprometimentos à sua saúde, além dos irreversíveis prejuízos à ação docente e à educação como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um aumento crescente do número de pesquisadores da educação, da psicologia e da sociologia que desenvolvem estudos como este. Essa confirmação que se dá não somente pelo grande número de publicações em *sites* na internet como: artigos, trabalhos apresentados em anais e livros publicados, mas também pela grande repercussão que o trabalho docente vem ganhando nas mídias, de forma a fazer valer os deveres e direitos, e de modo que os mesmos sejam reconhecidos e respeitados como profissionais.

Apesar de se ter aumentada a jornada de trabalho do docente e ampliadas as condições gerais de se promover seu trabalho, em alguns casos não houve uma melhora nas condições físicas necessárias para uma boa atuação. Há professores que esperam por mudanças referentes à climatização das salas de aula e a um ambiente de trabalho mais confortável, já que passam boa parte do seu dia num mesmo ambiente, podendo ele tornar-se exaustivo. Muitos apresentam maiores chances de desenvolver algumas doenças mentais ao longo da docência, como a Síndrome de Burnout. Além da própria forma de organização do trabalho, outros fatores também contribuem para as más condições de trabalho, como um ambiente físico que não favorece boas acomodações e as relações interpessoais que perpassam o cotidiano docente e podem prejudicar o desempenho do professor. Levá-lo a uma experiência de “esgotamento” que o corrói.

As atuais atribuições dos docentes vão muito além da sala de aula. Seu trabalho não se limita à presença em sala de aula, a ministrar o conteúdo e passar conhecimento aos alunos. Isso principalmente em relação ao trabalho docente no ensino superior, que foi o foco deste estudo.

Preocupar-se com a programação das aulas; preencher relatórios; formulários; participar de reuniões; dedicar um tempo às pesquisas. Tudo isso demanda muito tempo da vida social do professor. Muitos disseram até que isso se torna impossível, pois o tempo em que se está no local de trabalho, se está ali para dar aulas; e o tempo despendido, para prepará-las, fazer correções de provas e trabalhos, que é ou deveria ser justamente o tempo destinado ao convívio social e que termina sendo negado. O mais comum é exercer essas atividades extras quando os professores estão em suas casas e poderiam estar aproveitando o tempo de folga com lazer. Em decorrência disso, um fator importante evidenciado é a desmotivação que o docente pode apresentar devido ao não reconhecimento da importância das suas atividades e dos esforços e empenho individuais que a elas destina. Contudo, por todas essas relações, atribuições e pressão a que os docentes estão expostos diariamente, muitos desenvolvem doenças que, se não tratadas, vão apresentando um estado mais gradual, crônico e agravando-se cada vez mais. Apesar de muitos professores estarem realizados profissionalmente, sua carga horária dentro de uma instituição muitas vezes é bem maior do que eles suportam. Mas isso se faz necessário para conseguir um bom salário, um bom cargo, um status social, ser reconhecido no seu ambiente de trabalho e também fora dele. Por outro lado, a fim de obter uma melhor qualidade de vida, a redução da carga horária é alternativa para continuarem exercendo seu trabalho, de maneira prazerosa e com saúde. No entanto, essa diminuição da carga horária no setor privado resulta em redução do salário; podendo comprometer até mesmo a sobrevivência do docente. Atribuições, responsabilidades, deveres. Tudo isso faz parte da vida do professor. Mas como se já não estivesse de bom tamanho, é adicionado mais um desafio, quase com o peso de uma obrigação: o uso das tecnologias em sala de aula.

Os cursos na modalidade a distância estão se expandindo e ganhando mais espaço. Por isso é necessário contar com docentes aptos a lidar com os recursos tecnológicos disponíveis. Tanto no ensino a distância quanto nos cursos presenciais, muitas vezes é necessário o uso de data-show, internet, powerpoint, visando facilitar o aprendizado do aluno. A maioria dos professores aderiu ao uso desses meios facilitadores. Porém cabe a cada professor e ao coletivo dos docentes manterem vigilância crítica sobre o que se faz e com isso constituir-se de modo profissional e sintonizado com a realidade em mudança.

O profissional docente hoje está trabalhando mais, dedicando seu tempo às atividades, dentro e fora de seu ambiente de trabalho, muitas vezes fazendo o que pode e até o quase impossível em relação a horários, atividades, prazos, cumprindo as atividades básicas diárias, cuidando de sua casa. Os professores, em sua maioria, têm filhos ou são casados, ou moram com os pais e renunciam muito seu tempo social para manter um padrão de vida no mínimo confortável. Para isso, precisam se “desdobrar” e dedicar muito ou exagerada e intensamente à profissão, se nela pretendem permanecer ou a partir dela sobreviver. Trazer o cenário da presente realidade em que vivem os professores, seja para os que atuam nessa profissão, seja para os demais trabalhadores, pode ser uma forma de contribuir para a consciência individual e coletiva dos cidadãos sobre o mundo

do trabalho e seus efeitos para sua condição pessoal e social, e de modo especial sobre sua saúde. Muitos irão se identificar com os resultados aqui trazidos, outros poderão pensar se isso acontece mesmo, talvez por serem privilegiados e trabalharem com suas exigências ou condições suprimidas.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Sueli de Fátima Ourique de. As transformações do trabalho docente através da produção escrita da ANPED (1996-2009). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 34., 2011. **Anais...** Disponível em: <<http://34reuniao.anped.org.br/images/trabalhos/GT09/GT09-424%20int.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2012.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando; SOBOLL, Lis Andréa Pereira (Org.). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.

BEYNON, Huw. As práticas do trabalho em mutação. In: ANTUNES, Ricardo et al. **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos**. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 1999.

CASACA, Sara Falcão. "Flexibilidade, trabalho e emprego: ensaio de conceptualização." **SOCIUS Working papers**, Lisboa, n.10, 2005. Disponível em: <<http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200510.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2013.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura - A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (v.1).

CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José Jackson Coelho; HITOMI, Alberto Haruyoshi. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1993.

CONTRERAS DOMINGO, José. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

DIAS, Edmundo Fernandes. Reestruturação produtiva: Forma atual da luta de classe. **Outubro**, n.1, p.45-52, 1998.

FERNANDES, Danielle Cireno; HELAL, Diogo Henrique. In: DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga; OLIVEIRA Dalila Andrade (Orgs.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: GESTRADO/UFMG, 2010. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=429>>. Acesso em: 16 jun. 2013

FREIRE, Paula Ariane. Assédio moral, reestruturação produtiva e síndrome de burnout em docentes. In: SEMINÁRIO CIENTÍFICO TEORIA POLÍTICA DO SOCIALISMO, 3., 2009. **Resumos...** Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0509.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

HIRATA, Helena. Tendências recentes da precarização social e do trabalho: Brasil, França, Japão. **Caderno CRH**, Salvador, v.24, n.spe1, p.15-22, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a02v24nspe1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. 2.ed. Campinas, SP: Pairus, 2007.
- LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A/Lamparina, 2001.
- LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; LIMA-FILHO, Dario de Oliveira. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.62-82, nov. 2009. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253>>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. O trabalho docente nas páginas de *Educação e Sociedade* em seus (quase) 100 números. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.100, p.1179-1201, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300025&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- MANCEBO, Deise. Agenda de pesquisa e opções teórico-metodológicas nas investigações sobre trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.28, n.99, maio-ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000200009&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- MANCEBO, Deise; FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. **Universidade: políticas, avaliação e trabalho docente**. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Sisifo: Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n.8, 2009.
- MARIN, Alda Junqueira. In: DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Livia Maria Fraga; OLIVEIRA Dalila Andrade (Orgs.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: GESTRADO/UFMG, 2010, p.22. Disponível em: <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=429>>. Acesso em: 16 jun. 2013
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Martin Claret: São Paulo, 2004.
- NASCIMENTO, Elvia Lane Araújo do; VIEIRA, Sarita Brazão; ARAÚJO, Anísio José da Silva. Desafios da gestão coletiva da atividade na docência universitária. **Psicologia Ciência Profissão**, Brasília, v.32, n.4, 2012.
- OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Livia Maria Fraga (Org.). **Dicionário: Trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2010. CD-ROM.
- OLIVEIRA FILHO, Albertino; NETTO-OLIVEIRA, Edna Regina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. Qualidade de vida e fatores de risco de professores universitários. **Revista da Educação Física / UEM**, v.23, n.1, p.57-67, 2012.
- PICADO, Luís. Ser Professor: do mal-estar para o bem-estar docente. **Psicologia.com.pt: O portal dos psicólogos**. 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0474.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- PINI, Mónica Eva. Profissão docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Livia Maria Fraga (Org.). **DICIONÁRIO: Trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2010. CD-ROM.
- ROSENFELD, Cinara L. Trabalho decente e precarização. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**, v. 23, n. 1, pp. 247-268, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a12>>. Acesso em 21 nov. 2014.

ROWE, Diva Ester Okazaki; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; PINHO, Ana Paula Moreno. Comprometimento e entrenchamento na carreira: um estudo de suas influências no esforço instrucional do docente do ensino superior. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v.15, n.6, p.973-992, 2011.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. Minicurso: Trabalho docente intensificado, Pós-Graduação e Produtivismo Acadêmico. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2009.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.30-32; 132-135.

Data da submissão: 16/07/2013

Data da aprovação: 28/07/2014